

SEÇÃO ARTIGOS

A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano

The Power of Images for Anti-Racist Geographical Education: a pedagogical approach to the African continent

La Potencia de las Imágenes para una Educación Geográfica Antirracista: un enfoque pedagógico sobre el continente Africano

DOI: <https://doi.org/10.22409/eg.v10i23.62008>

 [Ricardo Gabriel Luisi](#)¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Rio Grande do Sul, Brasil
e-mail: ricardo.07.luisi@gmail.com

 [Larissa Corrêa Firmino](#)²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Rio Grande do Sul, Brasil
e-mail: larissa.firmino@ufrgs.br

Resumo

O presente artigo propõe reflexões sobre como as práticas de ensino de Geografia desenvolvidas no contexto do Programa de Residência Pedagógica da UFRGS - Subprojeto Geografia (Porto Alegre) no Colégio Estadual Paula Soares, podem colaborar com uma educação antirracista. As atividades desenvolvidas pelos residentes, professora preceptora e professora coordenadora utilizaram imagens juntamente com o conceito de Espaço Ausente (Costella, 2018) para entender e desconstruir os estereótipos vinculados pelos estudantes ao espaço geográfico africano. Elaborar essas práticas de ensino no contexto de um programa de formação inicial partindo da realidade da escola suscitou reflexões sobre os fazeres docentes, os tipos e as finalidades das práticas de ensino em Geografia. Ao final do trabalho observamos a potência do ensino de Geografia e das imagens sobre a constituição dos imaginários geográficos dos estudantes sobre lugares e pessoas, bem como compreendemos a potência dos elementos elencados para realização das atividades propostas sobre a produção dos imaginários.

Palavras-chave

Ensino de Geografia; Programa Residência Pedagógica; Imagens; Espaço Ausente; Educação antirracista.

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e Residente do Subprojeto Geografia do Programa Residência Pedagógica da UFRGS.

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Professora Adjunta da Faculdade de Educação, atuando no curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Pesquisadora permanente do Núcleo de Estudos em Educação e Geografia - NEEGeo/UFRGS.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUISI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

This paper proposes reflections on how Geography teaching practices developed within the context of the Pedagogical Residency Program (UFRGS) at Paula Soares State School can contribute to an anti-racist education. The activities carried out by the residents, the supervising teacher, and the coordinating teacher utilized images along with the concept of Absent Space as proposed by Costella (2018) to understand and deconstruct the stereotypes associated by students with the African geographical space. Planning these teaching practices within the framework of an initial training program based on the school's reality prompted reflections on teaching practices, the types, and purposes of Geography teaching. At the end of the study, we observed the power of Geography teaching and images in shaping students' geographical imaginaries about places and people. Additionally, we recognized the potential of the elements listed for carrying out the proposed activities in influencing the production of these imaginaries.

Keywords

Geography teaching; Pedagogical Residency Program; Imagery; Absent Space; Anti-racist education.

Resumen

Este artículo propone reflexiones sobre cómo las prácticas de enseñanza de Geografía desarrolladas en el contexto del Programa de Residencia Pedagógica (UFRGS) en la Escuela Estatal Paula Soares pueden contribuir a una educación antirracista. Las actividades llevadas a cabo por los residentes, la profesora supervisora y la profesora coordinadora utilizaron imágenes junto con el concepto de Espacio Ausente según Costella (2018) para comprender y deconstruir los estereotipos asociados por los estudiantes al espacio geográfico africano. Elaborar estas prácticas en el contexto de un programa de formación inicial basado en la realidad de la escuela suscitó reflexiones sobre las prácticas docentes, los tipos y propósitos de la enseñanza de la Geografía. Al final del estudio, observamos el poder de la enseñanza de Geografía y de las imágenes en la formación de los imaginarios geográficos de los estudiantes sobre lugares y personas, así como comprendimos la potencia de los elementos enumerados para llevar a cabo las actividades propuestas en la producción de estos imaginarios.

Palabras clave

Enseñanza de Geografía; Programa de Residencia Pedagógica; Imágenes; Espacio Ausente; Educación antirracista.

O que nos diz a escola?

A escola é um lugar e um tempo em que os seres humanos podem sair das ocupações que lhes foram dadas (pela sua condição, pela sua posição, por seu nascimento) e podem imaginar a possibilidade de ser qualquer coisa (Larrosa, 2019, p. 234).

Assim como nos diz Larrosa (2019) na epígrafe do presente artigo e em outras palavras é sugerido pelo grupo Racionais Mcs (1997) “cada lugar um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão”. Cada escola é uma e com seu universo a parte possui problemas específicos do lugar onde está. Este texto abordará uma problemática vivida em uma escola em específico, mas que certamente é compartilhada por tantas outras - a questão do racismo e dos estereótipos geográficos e raciais. Também neste texto, discutiremos sobre imaginação, ou melhor, sobre os

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

imaginários que são produzidos a partir da escola e do ensino de Geografia fazendo uso de imagens fotográficas.

A escola em questão, de onde este trabalho se produz, situa-se no Centro Histórico de Porto Alegre - RS, o Colégio Estadual Paula Soares. Estávamos inseridos neste colégio através do Programa de Residência Pedagógica³ da UFRGS⁴ - Subprojeto Geografia⁵ quando, em uma de nossas reuniões semanais, a Professora de Geografia, preceptora do programa na escola, Shanna Bilhar, propôs a realização de uma feira escolar visando combater ideias que estavam sendo cotidianamente reproduzidas por estudantes e professores/as que reforçavam estereótipos negativos sobre o continente Africano dentro daquele espaço escolar. De acordo com o contexto em que estávamos inseridos, uma turma de terceiro ano de Ensino Médio⁶, tomamos como referência a categoria território de modo central para a compreensão na área de Ciências Humanas, conforme salienta a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio:

Território é uma categoria usualmente associada a uma porção da superfície terrestre sob domínio de um grupo e suporte para nações, estados, países. É dele que provem alimento, segurança, identidade e refúgio. Engloba as noções de lugar, região, fronteira e, especialmente, os limites políticos e admirativos de cidades, estados e países, sendo, portanto, esquemas abstratos de organização da realidade. Associa-se território a ideia de poder, jurisdição, administração e soberania, dimensões que expressam a diversidade das relações sociais e permitem juízos analíticos (Brasil, 2018, p. 564).

É importante destacar, de início neste texto, que embora o conceito de paisagem não tenha sido diretamente mobilizado, sua relevância, proximidade e diálogo com o tema abordado são reconhecidas e integradas à questão apresentada aqui, uma vez que Cosgrove (1998) ressalta que a paisagem é uma construção simbólica moldada e interpretada por diferentes grupos sociais, refletindo suas relações de poder e seus valores culturais dominantes. Desta forma, representações de paisagens como mapas e fotografias, são construções simbólicas fortemente atuantes na maneira como percebemos e compreendemos os lugares e os povos.

³ A partir deste momento do texto vamos nos referir ao Programa Residência Pedagógica pela sigla PRP.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

⁵ Vinculado à Faculdade de Educação - FACED da UFRGS, campus Porto Alegre/RS.

⁶ A escolha pela categoria território, e não paisagem, se deu pelas orientações curriculares dispostas na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (Brasil, 2018), uma vez que a ênfase na categoria de paisagem é curricularmente trabalhada na etapa do Ensino Fundamental (Brasil, 2017).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

A partir desta proposta realizada pela professora de Geografia, preceptora do programa, outras questões se desencadearam. Estar imersos nessa realidade escolar a vivenciando e pesquisando nela e com ela, se fez extremamente necessário, uma vez que a observação atenta do que a escola nos diz pode apontar um caminho para pensarmos e propormos práticas pedagógicas a partir da realidade manifestada por aquele singular espaço. À vista disso, assim como a escola se constitui como um espaço de reprodução e alienação, ela pode também constituir-se como um espaço de criação e subversão.

Neste sentido, o presente artigo visa apresentar as discussões que surgiram e embasaram a construção da prática pedagógica desenvolvida que buscou problematizar e desconstruir imaginários geográficos que reforçavam estereótipos racistas dentro da escola, apresentando também, brevemente, o contexto e a proposta que foi desenvolvida.

Caminhos para a sala de aula: o Programa de Residência Pedagógica como terceiro lugar

Estávamos inseridos no colégio através do PRP da UFRGS - Subprojeto Geografia. O PRP é caracterizado como uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores/as e visa induzir a profissionalização dos licenciados de forma colaborativa, integrando e aproximando teoria e prática, escola e universidade, professores/as já atuantes na Educação Básica e professores/as em processo formativo, visando o aprimoramento da educação e da formação docente pública.

Nóvoa (2022), ao fazer uma análise acerca das possíveis transformações da escola após a pandemia de COVID-19, propõe considerações sobre a necessidade de repensar a formação docente, defendendo e apontando as potencialidades das aproximações causadas por programas e políticas voltadas à formação docente inicial, como o PRP e o PIBID⁷. As considerações escritas por Nóvoa (2022) abarcam críticas ao discurso que vincula o espaço da formação docente somente às universidades, onde tradicionalmente atribui-se também a este espaço a produção do conhecimento científico e, paradigmaticamente, as escolas acabam por se configurar nessa narrativa como espaços ligados ao desenvolvimento de práticas e das teorias estudadas nos cursos de graduação. Além disso, Nóvoa (2022) ainda ressalta que esta dicotomia

⁷ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

entre universidade e escola é atrasada e limitante para pensar a formação de professores/as, uma vez que as escolas são espaços autônomos e que também produzem saberes e conhecimento. Sendo assim, faz-se necessário repensar e problematizar esses ricos espaços tendo como orientação a noção de que “o lugar da formação é o lugar da profissão” (Nóvoa, 2022, p.63).

Nessa perspectiva, programas de formação docente como o PRP e o PIBID apresentam-se como uma outra maneira de compreender, pensar e produzir a formação de professores/as e sua institucionalidade, uma vez que esses programas criam na intersecção destes dois espaços um terceiro lugar de formação docente:

[...] um lugar de encontro entre professores universitários que se dedicam à formação docente e os professores da rede. Esta casa comum é um lugar universitário, mas tem uma ligação à profissão, o que lhe dá características peculiares, assumindo-se como um “terceiro lugar”, um lugar de articulação entre universidade e a sociedade, neste caso, entre a universidade, as escolas e os professores. Nesta casa comum faz-se a formação de professores ao mesmo tempo que se produz e se valoriza a profissão docente (Nóvoa, 2022, p. 65).

Por possibilitar estas articulações entre a universidade, as escolas e os/as professores/as, este terceiro lugar é pensado por Nóvoa (2022) como espaço de potência e criação docente, uma vez que se debruça a acolher e integrar ao cotidiano escolar professores/as em formação que são recebidos por docentes que já atuam profissionalmente, reforçando as dimensões coletivas deste lugar e oportunizando o processo de tornar-se professor/a meio à escola e junto de outros/as professores/as. É neste contexto que Nóvoa (2022) ainda salienta que a invenção de práticas pedagógicas se dá em uma relação de alteridade com o espaço escolar e seus sujeitos.

Este terceiro espaço suscita ainda a “diferenciação e convergência de papéis, combatendo a crença [...] da existência de uma hierarquização do sistema de saberes que legitima uns em detrimento de outros, reforçando relações assimétricas de poder” (Nóvoa, 2022, p. 72) uma vez que são reconhecidas as importâncias de todos os sujeitos envolvidos – internos e externos à universidade e à escola – fortalecendo a dimensão ética e democrática deste terceiro lugar.

Foi compreendendo a escola como espaço de pesquisa, formação, potência e criação que pudemos pensar e construir coletivamente a proposta pedagógica de realizar uma feira escolar intitulada “Africanamente” com o objetivo de problematizar e pensar o continente Africano para além dos discursos racializados e estereotipados, reafirmando assim um compromisso com

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

a Lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas brasileiras.

Os comentários e falas percebidos no cotidiano escolar em questão e que foram relatados pela professora preceptora a nós desencadeando a iniciativa de realização da feira Africanamente são descritos por hooks⁸ (2020) como sendo uma mentalidade colonizadora, uma vez que:

que não somente molda consciências e ações, mas também fornece recompensas materiais para submissão e aquiescência que superam em muitos quaisquer ganhos materiais advindos da resistência, de modo que precisamos estar constantemente engajados em novas maneiras de pensar e de ser (hooks, 2020, p. 57).

hooks (2020) nos aponta sobre a forma como a mentalidade colonizadora nos atravessa em nosso cotidiano e nos alerta para seus efeitos em nossas percepções e constituição. Essa mentalidade colonizadora é uma grande produtora de estereótipos. Os estereótipos são formas de reducionismos que buscam enquadrar as pessoas em nichos com elementos característicos pré-estabelecidos. hooks (2020), nos diz ainda que essa mentalidade nos ataca por várias áreas e convive entre nós. Como professora, hooks (2020) aponta ainda que existe um potencial no trabalho em educação para combater essa mentalidade e que nós professores/as somos “especialmente afortunados, porque, individualmente, podemos atuar contra o reforço da cultura do dominador e dos preconceitos com pouca ou nenhuma resistência” (hooks, 2020, p. 57). O problema central em que a feira Africanamente se empenhou em trabalhar na disciplina de Geografia está lastreado nesta mentalidade.

Ao encontro dos objetivos e embasamento proposto pela professora preceptora para a feira, Santos (2011) argumenta que a Lei 10.639/03, fruto da luta do Movimento Negro Brasileiro, é o principal instrumento de combate ao racismo no campo da educação, pois:

Reposiciona o negro e as relações raciais na educação – transformando em denúncia e problematização o que é silenciado, chamando atenção para como conhecimentos aparentemente “neutros” contribuem para a reprodução de estereótipos e estigmas raciais e para o racismo. A 10.639 nos coloca o desafio de construir uma educação

⁸ O nome de bell hooks escrito em letras minúsculas se dá em respeito à orientação da própria autora, que criou este nome em homenagem à sua avó materna como uma postura política que visa transgredir convenções acadêmicas, dando enfoque à sua escrita e não à sua pessoa.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

para a igualdade racial, uma formação humana que promova valores não racistas (Santos, 2011, p. 5).

Todavia, Santos (2011) alerta que “existir a Lei não garante uma educação antirracista. Isto é uma construção no campo das ‘práticas’ curriculares concretas” (Santos, 2011, p. 8). Assim, o que realizamos na prática escolar, como a realizamos e por que a desenvolvemos é o que confirmará se o que ensinamos possibilitará a promoção, ou não de valores não racistas. hooks (2021) nos diz que muitos dos processos de tomada de consciência relacionada ao racismo está voltada à simples denúncia de como o preconceito se externaliza no nosso cotidiano e aponta ainda que “quando apenas apontamos o problema, quando expressamos nossa queixa sem foco construtivo na resolução, afastamos a esperança” (hooks, 2021, p. 25). Desta forma, ao pensarmos em práticas pedagógicas antirracistas para promovermos valores não racistas, devemos considerar como as práticas desenvolvidas podem construir pilares para sustentação de pensamentos que venham a se tornar condutas no cotidiano dos estudantes. Assim, compreendemos “como práticas antirracistas aquelas voltadas para a denúncia do racismo no sentido maior de sua reversão/destruição” (Pinheiro, 2023. p. 89).

E o que práticas escolares antirracistas têm a ver com o ensino de Geografia? Santos (2011) nos diz que o ensino de Geografia pode ser um importante instrumento de uma educação para igualdade racial, por entender que a Geografia tem relação direta com a constituição das relações raciais, uma vez que a ideia de raça, concebida como um construto social, busca ordenar e regular comportamentos por associar uma comunidade ou grupo a um conjunto de associações artificiais, que possuem essas características atreladas se não a uma origem biológica, a uma origem histórico-geográfica. Neste sentido:

Raça passa a ser, por esta ótica, um conceito geográfico, uma noção que se assenta sobre leituras espaciais. A Geografia está, portanto, de uma forma muito subliminar, na base da construção da ideia, das relações e dos comportamentos baseados no princípio de classificação racial. A visão de mundo que a Geografia constrói alicerça as identidades raciais (Santos, 2011, p. 11).

Para que possamos construir práticas pedagógicas antirracistas que visem desconstruir a mentalidade colonizadora, precisamos então estar atentos às visões de mundo que queremos fomentar com nossos estudantes nas escolas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Após lançar a proposta e organizar as considerações sobre os objetivos da feira, a professora preceptora deixou em aberto para o grupo de residentes aceitar ou não a ideia sugerida. De imediato todos apoiaram e se engajaram na realização da feira.

Começamos então a debater em grupo as proposições de atividades que chamamos de oficinas e que poderiam ser desenvolvidas com as turmas em que atuavam os residentes do Colégio Estadual Paula Soares. Durante os nossos encontros de planejamento, a professora orientadora do PRP Subprojeto Geografia sugeriu que pensássemos em práticas pedagógicas que mobilizassem o uso de imagens, visto que muitas vezes são elas as produtoras de imaginários geográficos sobre lugares e pessoas (Firmino e Martins, 2017). Inspirados por práticas desenvolvidas anteriormente no PRP Subprojeto Geografia e ancorados no conceito de Espaço Ausente (Costella, 2018), decidimos utilizar imagens fotográficas para problematizar o imaginário geográfico dos/as estudantes acerca do continente Africano no intuito de desconstruir as visões simplistas e estereotipadas que muitas vezes embasam atitudes racistas.

Oficina de Imagens Ausentes: o planejamento no ensino de Geografia

Com os objetivos da feira Africanamente traçados e com a devida articulação com o grupo de residentes do PRP Subprojeto Geografia, iniciamos os trabalhos planejando a Oficina de Imagens Ausentes dividindo esta proposta pedagógica em três diferentes atividades que foram realizadas em sala de aula com os estudantes do terceiro ano do ensino médio.

Atividade 1 - Apresentando paisagens

Nesta primeira atividade, sem saber que a temática trabalhada seria o continente Africano, os/as estudantes foram convidados a responder um formulário digital com imagens fotográficas de diferentes paisagens (Figura 1) para que eles pudessem fazer a associação da paisagem apresentada aos países pré-selecionados em diferentes continentes e contextos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Figura 1 – Estudantes respondendo formulário



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Nesta etapa inicial visamos diagnosticar quais são os elementos de significação que os/as estudantes atribuem ao continente Africano através do uso de imagens fotográficas. É importante ressaltar que nesta etapa não problematizamos o tema, apenas coletamos as informações quantitativas geradas pelo formulário a partir das respostas das turmas, visando compreender qual a visão dos/as estudantes acerca das paisagens ali mostradas e a que espaço geográfico eles atribuem os elementos simbólicos presentes nas imagens.

A escolha pela utilização do formulário digital se deu pela praticidade que as imagens fotográficas puderam ser apresentadas juntamente com as opções de múltipla escolha pré-selecionadas. Esta escolha também foi utilizada por ser uma alternativa prática de organização em que os dados quantitativos gerados a partir das respostas poderiam ser consultados imediatamente após a resposta dos/as estudantes, bem como ficariam armazenados para serem trabalhados em análises posteriores. A questão do acesso à internet foi facilitada visto que o colégio possui rede de internet *wi-fi* disponível para os/as estudantes e caso eles não possuíssem telefone celular poderiam utilizar os nossos aparelhos para a realização da atividade. Observando que a oficina aqui proposta seria desenvolvida com diferentes turmas, o formulário digital poderia ser reutilizado várias vezes e gerar resultados passíveis de análises futuras, uma das vantagens da integração de métodos, conforme ressalta Goldenberg (2004):

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos (Goldenberg, 2004, p. 62).

No intuito de compreender o imaginário geográfico dos/as estudantes acerca do continente Africano, realizamos uma seleção de diferentes imagens fotográficas, e as separamos em três categorias:

Categoria – 1: Imagens que fogem do estereótipo negativo sobre o continente Africano, mas que pertencem a ele, como paisagens que contenham elementos associados ao desenvolvimento social, econômico e financeiro: cidades urbanizadas contendo prédios, ruas arborizadas, asfaltadas etc. Além disso, esta categoria de imagens explorava também elementos naturais associados à abundância de água e vegetação perene, em contraposição ao simbólico paisagístico de seca, aridez e escassez.

Categoria – 2: Imagens que remontam o estereótipo negativo do continente Africano, mas que não pertencem a ele, como paisagens que contenham elementos simbólicos associados à pobreza e miséria: habitações vulneráveis, excesso de lixo pelas ruas, falta de infraestrutura, espaços comumente figurados por uma população majoritariamente negra. Também foram inseridas nesta categoria imagens fotográficas que continham elementos simbólicos associados a seca, aridez e escassez, bem como à presença de animais.

Categoria – 3: Imagens que remontam o continente Africano e que de fato pertencem a ele, apresentado por paisagens que trazem elementos simbólicos associados à pobreza e miséria de determinados países e regiões africanas, como habitações em áreas de alta vulnerabilidade, lixo excessivo espalhado pelas ruas, falta de infraestrutura, em espaços figurados na maioria das vezes por uma população majoritariamente negra. Além disso, imagens contendo elementos simbólicos associados a um clima seco, árido e provido de recursos escassos, figurados por animais. Ressaltamos que a diferença das categorias 2 e 3, é que esta categoria apresentou imagens fotográficas em que a paisagem é pertencente ao continente Africano, enquanto a outra não.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Nesta primeira atividade que compôs a Oficina de Imagens Ausentes objetivamos tornar presentes aos/às estudantes imagens fotográficas do continente Africano que são diversas e complexas em seus elementos simbólicos, ligando este espaço geográfico ao mesmo tempo a elementos associados ao desenvolvimento econômico capitalista e, também, elementos ligados à pobreza, bem como a extensão desses mesmos elementos a outros espaços – inclusive a aqueles que acreditamos que os/as estudantes não esperam que haja pobreza, para que possamos problematizar as escolhas realizadas na atividade seguinte.

Ao selecionarmos as opções das cidades e países que correspondem à cada imagem, tentamos realizar uma espécie de pensamento reverso, pensando de acordo com os estereótipos mais disseminados, partindo do princípio de que os/as estudantes também o fariam. Desta forma, cada opção para associação da imagem fotográfica à cidade/país teve também um propósito, buscando evitar que a escolha se desse por eliminação ou qualquer outra forma de sorteio ou “chute”. Os/as estudantes deveriam associar as imagens aos locais pelos elementos e impressões que tinham sobre as opções disponíveis. Outra preocupação que tivemos foi de junto do nome das cidades, nas opções de seleção, colocarmos o nome país e o continente em que se localizava a imagem, visto que algumas cidades de países africanos não são tão difundidas pelo cotidiano social e escolar. Ainda sobre as opções a serem escolhidas, buscamos sempre diversificar as alternativas entre os cinco continentes de modo a não evidenciar que estávamos realizando uma atividade que trataria do continente Africano, para não induzir as respostas às opções em que o continente fosse citado.

Atividade 2 - O que você pensa quando falamos de África?

Após os/as estudantes desenvolverem a “Atividade 1” anunciamos o início dos trabalhos que iriam envolver a Feira Africanamente, pois a partir de então nos debruçamos a estudar sobre o continente Africano em sala de aula com as turmas. Nesta atividade entregamos para cada estudante três *post-its* de diferentes cores e solicitamos que eles fizessem uma livre associação escrevendo as três primeiras palavras que lhes vêm à mente quando falamos de “África”. Após a entrega colocamos os *post-its* preenchidos com as palavras pelos estudantes em um mapa do continente Africano (Figura 2) que fixamos no quadro da sala de aula, formando uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

tempestade de ideias com as palavras que os estudantes escolheram (Figura 3). Assim, os/as estudantes estavam simbolicamente atribuindo significados ao continente Africano.

Figura 2 – Post-its



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

A ideia deste momento foi, mais uma vez, que a turma registrasse em palavras quais são os elementos de significação que eles atribuem ao continente Africano. Neste segundo momento, não questionamos a origem ou o motivo da escolha das palavras que os/as estudantes escreveram. Esta segunda etapa funcionou também como registro de onde partimos e com qual imaginário geográfico de África iríamos lidar.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Figura 3 – O mapa



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Após o término da Feira Africana realizamos novamente esta atividade para verificar se houve ou não alteração das palavras escolhidas pelos/as estudantes, solicitando novamente o registro de três palavras escritas em *post-its* associadas à “África” para que possamos constatar os possíveis novos elementos de significação que os/as estudantes atribuem ao continente e países africanos, ou não.

Atividade 3 - Paisagens Ausentes, onde se localizam? Por quê?

Na terceira atividade que compôs a Oficina Imagens Ausentes, retomamos as imagens utilizadas na Atividade 1 projetando-as em sala de aula juntamente com as opções de múltipla escolha que também estavam no formulário. Esta atividade foi elaborada para discutir com a turma sobre quais foram as relações que eles fizeram acerca do tema e o motivo de a terem feito. Ao mesmo tempo em que íamos revelando a quais cidades, países e continentes pertenciam as imagens fotográficas, buscamos problematizar o tema que estava sendo discutido, ou seja, um “momento em que o sujeito é posto à frente de uma questão que de alguma forma o perturba, sendo necessário empregar os seus esquemas para encontrar uma possível solução” (Costella, 2022, p. 108).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Com a problematização do tema em discussão, realizamos um exercício reflexivo para que os/as estudantes ressignificassem e refletissem o que os levou a escolher tais associações entre as imagens fotográficas e seus elementos simbólicos daquelas cidades.

Pressupondo que a maior parte dos/as estudantes associaria a imagens que continham elementos relacionados à pobreza, moradia precária, escassez, dentre outras características, a países ditos ‘periféricos’ problematizamos as respostas obtidas questionando sobre o que nos faz pensar que não existem arranha-céus em países africanos e pessoas vivendo em habitações vulneráveis em países desenvolvidos como os Estados Unidos da América? Ou o porquê de não associarmos uma floresta abundante em recursos naturais ao continente Africano?

Pensamos esta etapa visando desnaturalizar esses elementos simbólicos associados a países “periféricos” e a própria complexificação do Espaço Mentalmente Projetado (Costella, 2018) dos/as estudantes.

Além disso, buscamos também relacionar o espaço vivido dos/as estudantes com as situações postas nas imagens fotográficas, como por exemplo, ao revelarmos que uma das imagens que continha uma favela se localiza na mesma cidade que apresentava variados prédios de alto padrão. Questionamos a turma: e em Porto Alegre? Não temos lugares em que existem moradias precárias e outros que possuem prédios luxuosos? O intuito era complexificar esta reflexão em relação ao Brasil, relacionando áreas de escassez e aridez com áreas de abundância de recursos de modo a evidenciar que da mesma forma que o Brasil é um país que abrange uma variedade de situações, ambientes e problemas, os países do continente Africano também, sempre tendo em evidência a reflexão e problematização do porquê das associações realizadas pela turma.

Repensando o ensino de Geografia: uma abordagem escolar a partir de práticas pedagógicas

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. [...] A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas (Chimamanda Ngozi Adichie, 2019).

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) nos coloca um ponto de vista que muitas vezes não refletimos: no que baseamos a nossa concepção sobre determinados lugares? Qualquer um pode pensar nisso com relativa preocupação, pois como pensamos os

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

lugares implica em pensar quem vive nele. Quando assumimos a posição de professores/as, muitas vezes atuamos na construção do imaginário geográfico dos estudantes sobre espaços que a maior parte deles jamais visitarão. Esse exercício reflexivo se torna uma imprescindível tarefa para que não venhamos a construir estereótipos negativos acerca de povos, etnias e lugares.

Em vista dos objetivos da Feira Africanamente organizamos e desenvolvemos as atividades anteriormente apresentadas para proporcionar a desconstrução de estereótipos negativos relacionados ao continente Africano, entendendo que estes são simplificações que roubam a dignidade das pessoas (Adichie, 2019) e reforçam estigmas raciais e preconceitos, como o racismo.

Ao longo desta seção serão abordados os referenciais teóricos que guiaram as propostas apresentadas discutindo brevemente o ensino de Geografia, a Geografia Escolar, a potência das imagens e a noção de Espaço Ausente (Costella, 2018) como premissa para a problematização e desconstrução de estereótipos que sustentam discursos e atitudes racistas muitas vezes presentes no cotidiano escolar.

Entre geografias, imagens e espaços ausentes

De acordo com Renato Emerson dos Santos (2011) as visões de mundo que a Geografia Escolar constrói sustenta as identidades raciais. Pensar nas visões que são impressas através da Geografia que é produzida na escola implica pensar como o Ensino de Geografia é praticado por quem ensina.

Kaercher (2014) nos sustenta no presente trabalho nas reflexões sobre o propósito de ensinar Geografia, pois não acreditamos que a Geografia enciclopédica que vê a informação como início, meio e fim seja suficiente para os objetivos que nos propomos neste trabalho. Pelo contrário, vemos nesta última, questões que podem acabar por reforçar estereótipos e simplificações de mundo que sustentam o racismo no cotidiano dos nossos estudantes.

Entendemos que enquanto professores/as de Geografia ao apresentarmos aos nossos estudantes imagens, tabelas, mapas, dados, informações sobre, por exemplo, a violência no Brasil e o número de casos de racismo com a mera função de informá-los, não estamos a produzir uma reflexão e/ou mudança de percepção sobre tais temáticas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Por exemplo, posso explicar em sala de aula que o Continente Africano possui diferentes tipos climáticos, como equatorial, tropical, desértico e mediterrâneo, e que isso faz com que as médias térmicas se mantenham predominantemente elevadas neste continente, e por este motivo associa-se a tal a ideia de que ele é quente. Também posso associar o Continente Africano a sua grande diversidade de povos, biomas e pela existência de acentuada pobreza em muitos de seus países. A que serve esta última informação se não a indagar o motivo da pobreza? Se é pobre em toda parte? Qual a relação desta pobreza com os tipos climáticos? O que isso tem a ver conosco, enquanto povo latino-americano?

Se não problematizamos as temáticas que ensinamos em Geografia, se não nos importarmos em sensibilizar estes territórios, em entender a visão dos estudantes, fazendo com que aquelas informações dialoguem com a realidade dos nossos estudantes, um simples telefone celular com conexão à internet poderia nos substituir como professores e desempenhar esta mesma função, quem sabe até de forma mais satisfatória, colorida e atraente aos olhos.

Entretanto, como já argumentado anteriormente, o ensino de Geografia não pode se resignar à mera apreensão de informações ou memorização de aspectos sobre lugares e pessoas, pois esta postura metodológica e didática não gera marcas, não significa algo se não refletido. Não constrói conhecimento.

Mas pelo contrário, quando indagamos, provocamos os estudantes a falarem suas percepções, proporcionamos o protagonismo para que os estudantes possam relacionar as informações dos conteúdos com suas noções de mundo. Possibilitamos aí que a Geografia se torne “matéria prima, pretexto para, a partir dos seus conteúdos e conceitos, refletirmos a existência e nossa ação no mundo” (Kaercher, 2014, p. 40). Neste mesmo sentido, também reduzimos as chances de transformarmos a Geografia em um “pastel de vento: bonita por fora (conteúdos atuais, belos livros didáticos), mas pobre na leitura, na proposta de entendimento do que se fala” (Kaercher, 2014, p. 206).

Nesta perspectiva buscamos desenvolver a autonomia de pensamento do estudante e, assim, “o conteúdo serve de referência para tal desenvolvimento, não representa o fim em si, ou o produto da aprendizagem. O produto da aprendizagem é o aluno e suas ações reflexivas” (Costella, 2015, p. 39). Também neste sentido hooks (2020) nos explica que:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Todo mundo se envolve com o pensar na vida diária. Há várias situações enfrentadas por pessoas comuns que exigem que elas examinem a realidade para além do que é superficial, para conseguirem enxergar a estrutura profunda. Essas situações podem levá-las a refletir sobre as questões relacionadas a quem, o quê, **onde**, quando, como e por quê; e, então começar a trilhar o caminho do pensamento crítico (hooks, 2020, p. 279-280, grifo nosso).

Acreditamos que a Geografia pode potencializar as chances de desenvolver o pensamento crítico ao propor em aula essas situações que necessitam de uma análise a nível mais profundo.

A Feira Africanamente surge como possibilidade de discussão do espaço geográfico africano e com nossa oficina, tendo em vista os objetivos da feira, queremos possibilitar reflexões sobre como entendemos este Espaço Geográfico (Santos, 2020) — principal objeto de estudo da Geografia.

Milton Santos (2020) define o Espaço Geográfico sendo “um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o único quadro no qual a história se dá” (Santos, 2020, p. 63). Se vamos ensinar sobre o espaço geográfico devemos considerá-lo em sua complexidade. O próprio Milton Santos (2020) ressalta duas vezes ao definir como ‘indissociável’ e ‘não considerados isoladamente’ que a compreensão das coisas depende da compreensão das intenções e vice-versa. Se quando vamos realizar uma análise geográfica ‘técnica’ que considera o espaço, não dissociamos ou isolamos os objetos das ações, visando uma análise mais assertiva, ao trabalharmos o Espaço Geográfico (Santos, 2020) na Geografia Escolar do mesmo modo não devemos isolar e dissociar.

Quando apresento para meus estudantes uma imagem fotográfica com habitações precárias e vulneráveis com esgoto a céu aberto (sistemas de objetos) — que claramente evidenciam uma situação de extrema pobreza e falta de infraestrutura — e os digo que esses objetos estão localizados em um país africano sem questionar e relacionar quais são as complexidades sociais e históricas (sistemas de ações) - que permitiram que aqueles elementos se localizassem onde estão, que permitem que sejam habitações precárias ao invés de boas moradias - incorre no risco de criar uma meia verdade sobre aquele lugar, um espaço incompleto, uma simplificação, um estereótipo consoante ao que Adichie (2019) nos alertara.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Sabendo ainda que raça é um construto que busca padronizar o comportamento e que essa padronização se assenta sobre leituras espaciais (Santos, 2011) estaremos também correndo o risco de produzir estereótipos que vão se incorporar a identidade do grupo de pessoas que vivem naquele espaço, ou ainda nas identidades raciais que estejam associadas ao mesmo, no caso em questão do Continente Africano, às pessoas negras.

Se queremos desconstruir as meias verdades, ou histórias e geografias únicas, o que precisamos fazer? Apresentar a outra metade! A verdade, não absoluta, mas em sua complexidade histórica e geográfica. Assim, ao apresentar os outros sistemas de objetos não mostrados, os sistemas de ações não evidenciados pelos discursos reducionistas que simplificam e sustentam os estereótipos que embasam visões preconceituosas, proporcionaremos um imaginário geográfico mais complexo. Em outras palavras apresentar a complexidade destes espaços, ou seja, as histórias que produzem estes imaginários geográficos, são um modo de provocar reflexões sobre como são equivocadas as generalizações que simplificam nossas visões.

Como nós pretendemos a partir da oficina proposta trabalhar o espaço africano em sua complexidade territorial? Este estudo se debruçou a movimentar o território africano através do conceito de Espaço Ausente utilizando imagens fotográficas.

O conceito de Espaço Ausente é fundamentado por um conjunto de dados e informações que são atribuídos pelos estudantes a espaços que eles nunca visitaram, experienciaram ou vivenciaram, por essa razão se configuram como ausentes. Estes espaços são estruturados através de memórias relacionais, ancoradas na realidade próxima dos estudantes, que a partir da associação de elementos dessa realidade que gerem significação, se incorporam na projeção e entendimento desses Espaços Ausentes (Costella, 2018).

Assim, ao imaginar lugares que nunca fomos, buscamos nas nossas memórias elementos com significação que atribuímos a estes espaços e vamos juntando fragmentos de pequenas coisas, partes de memórias, construindo a síntese desse Espaço Ausente, antes Espaço Inexistente. Esse espaço que o estudante “está criando” em seu imaginário geográfico está ancorado em noções, informações e memórias que ele já viu ao longo de sua vida e que ele

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

relaciona a elementos que tenham significação a este novo espaço mentalmente projetado. Todavia, Costella (2018) ressalta que:

A imagem que o aluno constrói sobre um espaço que ele nunca visitou, que ele nunca compareceu ou vivenciou depende da forma como este espaço foi contextualizado pelo outro, que pode ser a televisão, as fotografias, as escritas, [a internet, as redes sociais,] mas principalmente na capacidade do professor em oportunizar a ideia sobre os objetos apresentados (Costella, 2018, p. 51, grifo nosso).

Portanto, a síntese que os estudantes realizam desse espaço geográfico pode estar enviesada de ideias que reduzem a Geografia daquele espaço e seus indivíduos, gerando estereótipos.

A potência das imagens na Educação Geográfica Antirracista: explorando outros horizontes

A escola é uma invenção da Modernidade que resiste ao mundo contemporâneo. Poucos lugares da experiência humana evocam ao mesmo tempo um caos de sentimentos, memórias e sensações como a escola, uma vez que muito de nossa identidade é forjada por ela ou nela. A escola tem por premissa instruir, ensinar, construir um corpo de conhecimentos que atua na postura dos sujeitos sociais. O contemporâneo foi construído de modo que a escola, instituição disciplinar e de controle, preparou-se para educar e corrigir sujeitos de corpos dóceis. A escola foi e ainda é um espaço que concorreu com o mundo contemporâneo para a educação de pessoas. Portanto, a educação é um processo amplo que permeia a vida dos sujeitos, e que acontece tanto dentro da escola como fora dela, é um conjunto de processos pelos quais os indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos culturais (Meyer, 2012).

Firmino (2020) acrescenta a ideia de que, simbolicamente, a escola trabalha desde nossos primeiros anos de vida com a nossa forma de ser, estar e pensar no mundo em que atuamos e nos construímos. A cultura escolar nos produz subjetividades e se integra a nós por intermédio da prática do discurso em toda a sua materialidade e imaterialidade.

Os livros didáticos, por exemplo, são produtores de padrões e referências sociais e que é em virtude dessa realidade que se dá a importância em estudar artefatos escolares e suas linguagens, uma vez que práticas, sujeitos e instituições estão em um constante movimento de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

ressignificação do mundo e das coisas, como denota Costa (2004, p.74). As imagens se fazem pedagógicas ao produzir significados e sujeitos, pois atuam como veículos de significados e de mensagens simbólicas produzidas discursivamente, as fotografias que compõem materiais didáticos também atuam como uma prática de significação, que nos atravessa e nos constitui como sujeitos no contemporâneo (Tonini, 2013, p. 179).

Dessa forma, o intuito deste trabalho estabelece relações com o que Firmino e Martins (2017) ressaltam sobre a utilização de imagens nos livros didáticos, como as fotografias, que assumem uma produção de significados onde discursos são forjados e postos em circulação e, que, devemos aprender a educar o olhar a ler textualidades imagéticas, pois estas são produtoras de significados e, também, constituidoras de sujeitos. Ademais, as imagens fotográficas constituem ideias e sujeitos que, por vezes, são difíceis de serem desconstruídas. Portanto, torna-se relevante que a Geografia Escolar não funcione reforçando estereótipos geográficos, mas mobilizando os conteúdos escolares de maneira a complexificar a construção de conhecimentos mais complexos sobre os objetos estudados.

Tonini (2013) nos diz que as “imagens são sempre textos visuais que direcionam para leituras do espaço geográfico a partir de significados ali inscritos” (Tonini, 2013, p. 181) e que estas imagens contam com a capacidade de informar amparada pela visualidade, pela materialidade das informações apresentadas. Tonini (2013) ainda aponta que essa capacidade de comunicar através da materialidade apresentada nas imagens aparentemente lhe cria um poder supremo em informar algo sobre algum lugar, o que “potencializa as imagens como artefatos produtores de sentidos, máquinas operadoras de significados” (Tonini, 2013, p. 178). Deste modo, a realidade, ou ainda a informação apresentada através das imagens “ocupam lugar na produção da realidade e participam de nossa imaginação sobre as grafias do espaço, [e] por isso elas nos educam” (Desidério; Tonini, 2021, p. 25). No mesmo sentido Tonini (2013) afirma que

As imagens podem ser pensadas como um aparato cultural, com finalidade de formação e subjetivação e, tal como veiculada em materiais escolares (principalmente o livro didático – por ser o mais usual), estariam se valendo de certos dispositivos de poder que entram em jogo para capturar identidades ali inscritas. Assim as imagens são veículos de significados e das mensagens simbólicas produzidas discursivamente (Tonini, 2013, p. 179).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Quando nos atentamos para verificar o que as imagens que buscam representar o continente Africano significam e simbolizam, facilmente percebemos um padrão que remete o continente Africano sempre relacionado a elementos associados à pobreza, fome, miséria, aridez, grandes mamíferos etc. Ou seja, clichês e estereótipos.

Estes clichês conforme Firmino e Martins (2017) são os conjuntos de informações trazidas pelas imagens que nos enquadram em um padrão de ideias, uniformizando os pensamentos a partir do representado nas imagens. Ainda conforme as autoras, estes padrões reproduzidos têm a capacidade de paralisar nosso imaginário sobre os lugares e as pessoas uma vez que “imagens, ideias-clichês servem como a ‘prova do real’ de um determinado discurso sobre a Geografia dos lugares e das pessoas” (Firmino; Martins, 2017, p. 107) condicionando a nossa percepção sobre os lugares e pessoas aquele padrão de características e elementos trazidos nas imagens.

Assim os clichês utilizam do potencial comunicativo de significados das imagens para a construção discursiva de ordenamento e regulação de atributos sobre os lugares e pessoas, que corrobora para os estereótipos que sustentam a noção de identidade racial.

Utilizar o potencial comunicativo de significações das imagens, dado pela materialidade significativa, aliado ao conceito de Espaço Ausente para entender qual a percepção dos nossos alunos, através dos elementos das imagens, e utilizar desses significados atribuídos por eles aos lugares para pensar os espaços apresentados nesta oficina, consideramos que é mobilizar a Geografia como instrumento para promover a ação reflexiva do aluno sobre o continente Africano.

Assim, este estudo pretendeu mobilizar, ao mesmo tempo, as imagens e o Espaço Ausente para partir das definições e significações que os estudantes atribuem aos espaços geográficos, possibilitando, a partir das reflexões e relações com o espaço próximo, que novas significações sejam atribuídas, uma vez que:

Ao reconhecer as relações pelas memórias, recentes ou não, partimos sempre de um projeto de memória, e deste alçamos voos para outros e mais outros. [...] Os espaços ausentes ou mentalmente projetados precisam ser ancorados em representações presentes. O estudo de algo que não enxergamos de forma literal, parte de algo que estamos vivendo de forma literal. Sempre há o que relacionar com outras memórias já relacionadas e acomodadas. **O significado do novo, que o aluno atribui a algo que já está significado, permite um avanço a patamares mais complexos do**

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

pensamento, movimentando esquemas já estruturados (Costella, 2018, p. 51-52, grifo nosso).

Durante o desenvolvimento das atividades tentamos, ao apresentar imagens de uma África rica e uma Europa pobre, inverter o conjunto de valores gerados pelos clichês, buscando pressionar e desacomodar os esquemas já estabelecidos pelos estudantes, tendo em vista que “quando esses esquemas estão pressionados pela exigência de novos pensamentos e ações, outras significações são relacionadas e assim, o conhecimento sobre o espaço se torna mais complexo e significativo” (Costella, 2018, p. 52).

Buscamos com esta oficina desacomodar essas estruturas impostas que embasam visões pouco complexas sobre os lugares e as pessoas. Não queremos que o resultado das nossas atividades nos leve a outras formas de reducionismos. Queremos que as práticas aqui apresentadas levem os estudantes, não a deixar de considerar que no continente Africano existe pobreza, mas que considerem que não existe apenas pobreza no continente Africano. Queremos que os estudantes entendam que os lugares e as pessoas, como nos coloca Frantz Fanon (2020), não têm o dever de serem isto ou aquilo, mas que são complexos, com diversas faces e profundidades. Que poderíamos falar de Áfricas, Europas, Brasília e Portos ALEGRES sem determiná-los a uma única característica ou destino, ou a uma história única, uma geografia única.

Considerações Finais

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade (hooks, 2017, p. 273).

A elaboração deste trabalho e as reflexões decorrentes dele foram possibilitadas devido a escuta atenta da professora preceptora sobre o espaço escolar em que atuava. A escuta e o compartilhamento da situação induziram, a partir do diagnóstico de um problema, a ação coletiva possibilitada pela existência de um programa voltado para a formação inicial docente, o Programa de Residência Pedagógica, mais especificamente o Subprojeto Geografia (Porto Alegre) da UFRGS. Esse fato demonstra a importância, de estar atento às possíveis situações

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

que ocorrem na escola, escutar o que a escola está nos ‘dizendo’ com sensibilidade, além de reforçar a importância dos programas de formação inicial, que se configuram, pelas características elencadas por Nóvoa (2022), como um terceiro espaço para a formação de professores.

Outro ponto a destacar é a potência das imagens e do ensino de Geografia, que têm o poder de produzir imaginários sobre os lugares distantes e as pessoas que compõem esses lugares. E, por isso, possuem a competência tanto para reduzir quanto para complexificar identidades, incluindo as raciais. Por essa razão o papel do professor reflexivo é fundamental, uma vez que o propósito da prática é o que possibilitará ou não a construção de valores e visões de mundo inclusivas ou excludentes.

Ressaltamos também a importância do ensino de Geografia para complexificar visões de mundo que muitas vezes perpetuam preconceitos e estereótipos sobre pessoas e lugares. Ainda que não sejamos, e nem pretendemos ser, as únicas referências que compõem as visões de mundo dos/as estudantes, buscar construir em conjunto as suas ações reflexivas sobre o mundo em que habitam, para pensar a forma como o entendem e se entendem no mundo a partir do seu lugar, a partir do ensino de Geografia a partir das imagens, se demonstrou um interessante caminho para pensar e complexificar os espaços que muitas vezes são ausentes de imaginários mais complexos. Um caminho, uma alternativa para pensar e desconstruir as meias verdades que subjagam pessoas, lugares e identidades.

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-123.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

COSTA, M. V. Mídia, magistério e política cultural. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.73 – 88.

COSTELLA, R. Z. A presença da Geografia Ausente o outro que me constitui. *In*: SANTOS, L. P. KAERCHER; N. A.; COSTELLA, R. Z.; MENEZES, V. S. (Org.). **Os caminhos passam pel@s alun@s: saberes e (des)construções nas aulas de Geografia.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022. p.91 – 122.

COSTELLA, R. Z. Espaços ausentes e não existentes na Geografia escolar. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Movimentos para ensinar Geografia: oscilações.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. p. 49-62.

COSTELLA, R. Z. Para onde foi a geografia que penso ter aprendido. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Movimentos no ensinar Geografia: rompendo rotações.** Porto Alegre: Evangraf, 2015. p. 29-40.

DESIDÉRIO, R. T; TONINI, I. M. Desmanchar imagens de um continente: a África na educação geográfica. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Movimentos para ensinar Geografia: deslocamentos.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. p. 21-36.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIRMINO, L. C. **Fotoatlas: uma cartografia de gênero em imagens de livros didáticos de Geografia.** 2020. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FIRMINO, L. C; MARTINS, R. E. M. W. Imagens-clichês e Livros Didáticos: reflexões para o Ensino de Geografia. *In*: TONINI, I. M.; GOULART, L. B.; SANTANA FILHO, M. M.; MARTINS, R. E. M. W.; COSTELLA, R. Z. (Orgs.). **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem.** Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 103-112.

RACIONAIS MCS. **Fórmula Mágica da Paz.** São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 disco sonoro.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

hooks, B. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.** São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, B. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, B. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia.** Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

KAERCHER, N. A. **Se a geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica**. 1.ed. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

LARROSA, J. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MEYER, D. E. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero. *In*: MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-62.

NÓVOA, A. **Escola e professores**: proteger, transformar e valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PINHEIRO, B. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2020.

SANTOS, R. E. A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: construindo uma agenda de pesquisa-ação. **Revista Tamoios**, n. 1, p. 04-24, 2011.

TONINI, I. M. Notas sobre imagens para ensinar Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, n. 6, p. 177-191, 2013.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

LUIZI, Ricardo Gabriel; FIRMINO, Larissa Corrêa. A Potência das Imagens para uma Educação Geográfica Antirracista: um fazer pedagógico sobre o continente Africano. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 10, nº 23, e102312, 2024.

Submissão em: 17/02/2024. Aceito em: 01/06/2024.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons